

Cine-Reportagens

Foi uma coisa em que se pensou apenas vagamente.

Registaram-se tentativas isoladas para apresentar, semanalmente, ao público, alguns metros de actualidades; porém, como não convinha ás empresas alugadoras exhibir mais dos cem metros exigidos por lei, esses filmes de reportagem fracassaram.

Faltava a presidi-los o espirito arguto de um repórter; e, repórter não o é qualquer pessoa.

Realizar uma reportagem cinegráfica não se cifra em possuir uma câmara de filmar. Implica uma série de conhecimentos jornalísticos, precisos, sintéticos, que nenhum dos nossos operadores cinematográficos possui.

O repórter filmico necessita de conhecer o ambiente e o modus-faciendi dum jornal.

Se em Lisboa houvesse um só operador que fôsse que quisesse contar semanalmente ao público os acontecimentos nacionais mais recentes — manobras navais e aéreas, desfiles de tropas, homenagens fúnebres, etc. — todos nós teríamos a ganhar com isso.

Mas não há. Ninguém olha a cine-reportagem como necessidade, mas sim como incidente.

Os repórteres cinegráficos que filmaram grande número de episódios da guerra, que filmaram em pleno campo de batalha — deviam servir de exemplo e de estímulo.

A inércia, o espirito comodista dos portugueses é que obriga muito boa gente a dizer: não fazemos isto ou aquilo, porque não é comercial.

Belo sistema para acobertarem a incompetência ou a indecisão!...

Façam êles bom trabalho, e verão se alguém lhes nega o valor e o utilitarismo...